



***QUANDO VIVER A UNIVERSIDADE É TAMBÉM REINVENTÁ-LA:  
GÊNERO, SEXUALIDADE E TERRITORIALIZAÇÃO EM NARRATIVAS DE  
ESTUDANTES LGBTI+***

***CUANDO VIVIR LA UNIVERSIDAD ES TAMBIÉN REINVENTARLA:  
GÉNERO, SEXUALIDAD Y TERRITORIALIZACIÓN EN LAS NARRATIVAS  
ESTUDIANTILES LGBTI+***

***WHEN LIVING THE UNIVERSITY IS ALSO REINVENTING IT:  
GENDER, SEXUALITY AND TERRITORIALIZATION IN LGBTI+ STUDENT  
NARRATIVES***

*Júlio César de Oliveira Santos<sup>1</sup>*

**RESUMO**

Nos últimos anos, as universidades públicas brasileiras vivenciaram intensos processos transformativos, passando de um contexto de democratização do acesso e permanência, a um processo de crise, ou de desdemocratização. No curso desses processos, e com o ingresso de uma série de sujeitos políticos, entre os quais as pessoas LGBTI+, o cotidiano das universidades vem sendo profundamente disputado e transformado. Nesse artigo, argumenta-se, através da análise de narrativas de estudantes LGBTI+ da Universidade Federal de Pernambuco, que gênero e sexualidade constituem a espacialidade da universidade. Não são o que se dá em uma universidade já pronta, que somente abrigaria essas e outras relações. Mas, como o que compõem as disputas pela sua significação, que é parte da própria materialização da universidade, abrindo-a a sentidos de liberdade e normatividade, e constituindo relações, sujeitos e espaços.

**PALAVRAS-CHAVE:** Universidade. LGBTI+. Territorialização. Gênero. Sexualidade.

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE.

## RESUMEN

En los últimos años, las universidades públicas brasileñas han experimentado intensos procesos de transformación, pasando de un contexto de democratización del acceso y de la permanencia, a un proceso de crisis o de desdemocratización. En el transcurso de estos procesos, y con la entrada de una serie de sujetos políticos, entre ellos las personas LGBTI+, la cotidianidad de las universidades ha sido profundamente disputada y transformada. En este artículo se argumenta, a través del análisis de narrativas de estudiantes LGBTI+ de la Universidad Federal de Pernambuco, que el género y la sexualidad constituyen la espacialidad de la universidad. No son lo que sucede en una universidad prefabricada, que sólo albergaría estas y otras relaciones. Pero, como lo conforman las disputas por su sentido, que forma parte de la materialización misma de la universidad, abriéndola a sentidos de libertad y normatividad, y constituyendo relaciones, sujetos y espacios.

**PALABRAS-CLAVE:** Universidad. LGBTI+. Territorialización. Género y sexualidad.

## ABSTRACT

In recent years, Brazilian public universities have experienced intense transformative processes, moving from a context of democratization of access and permanence, to a process of crisis, or de-democratization. In the course of these processes, and with the entry of a series of political subjects, including LGBTI+ people, the daily life of universities has been deeply disputed and transformed. In this article, it is argued, through the analysis of narratives by LGBTI+ students at the Federal University of Pernambuco, that gender and sexuality constitute the spatiality of the university. They are not what happens in a ready-made university, which would only house these and other relationships. But, as what make up the disputes over its meaning, which is part of the very materialization of the university, opening it to senses of freedom and normativity, and constituting relationships, subjects and spaces.

**KEYWORDS:** University. LGBTI+. Territorialization. Gender and sexuality.

\* \* \*

## Disputas acerca da universidade

Nos últimos anos, as universidades públicas brasileiras vivenciaram intensos processos transformativos, passando de um contexto de democratização do acesso e permanência (SANTOS, 2022), a um processo de crise, ou de desdemocratização (BROWN, 2019), que articula o recrudescimento de movimentos conservadores e o fortalecimento de demandas neoliberais.

No curso desses processos, e com a entrada de uma série de outros sujeitos políticos, as universidades mudaram profundamente. Emergem demandas pela circulação de outros conhecimentos, experiências e sujeitos, pelo combate às desigualdades e opressões, e novas relações nos e com os espaços acadêmicos (FACCHINI, 2020; LIMA, 2020; SALLES, 2020; SANTOS, 2022). Nos emaranhados de acontecimentos e atores políticos que passaram a disputar a universidade, destacam-

se os deslocamentos produzidos pelas atuações de sujeitos LGBTI+<sup>2</sup>, no que poderíamos considerar como parte do processo de “cidadanização” das pessoas LGBTI+ (CARRARA, 2015), ou de constituição dessas enquanto sujeitos de direitos no Brasil (AGUIÃO, 2014). Isto é, as universidades se tornaram espaços fundamentais das lutas e conquistas da “cidadanização” da população LGBTI+, na medida em que alargaram seus processos de democratização.

São notáveis os efeitos e deslocamentos desses processos nas universidades. Observa-se a multiplicação de linhas de pesquisas, grupos de estudos, congressos acadêmicos, encontros estudantis, exposições artísticas e culturais, campanhas publicitárias, grupos de atuação política, setoriais institucionais voltadas à produção de políticas, todos focados em relações de gênero e sexualidade e tendo como alvo principal a chamada população LGBTI+. Logo, a cotidianidade dessas instituições tem sido fortemente disputada em uma multiplicidade de acontecimentos que envolvem as demandas dessa população. Nesse cenário, destaca-se como os embates políticos que marcam a atual conjuntura histórica constituem a própria universidade.

Este trabalho se constitui como um recorte de uma pesquisa de doutorado que buscou compreender como processos políticos mais amplos e formas de subjetivação se perfazem no âmbito da educação superior, através de narrativas de estudantes LGBTI+ que ingressaram na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) nos últimos anos. Neste artigo, objetiva-se analisar como as experiências desses estudantes também engendram e deslocam sentidos sobre a universidade, e assim disputam a materialização de seus espaços. Na discussão proposta aqui, parto da concepção de que relações, sujeitos e espaços se coproduzem (MASSEY, 2004), em tramas que mesclam gênero e sexualidade, assim como classe e racialização, para citar as que mais se destacam.

Para tal finalidade, valho-me de narrativas de dez estudantes LGBTI+ da UFPE, em entrevistas individuais, semiestruturadas e em profundidade, realizadas entre outubro de 2019 e setembro de 2021. Diante do cenário de isolamento social, uma das

---

<sup>2</sup> Nesse artigo, optei por utilizar o acrônimo LGBTI+, que se refere a *lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros e intersexuais*, entre outras possíveis formas de identificação em termos de gênero e sexualidade que o símbolo + se refere. No entanto, convém sinalizar que desde a “I Conferência Nacional de Políticas para GLBT”, que deliberou sobre o uso do acrônimo LGBT, as letras se multiplicaram, o que torna possível encontrar outras várias disposições. Nessa contingência, em que o processo de diferir não se encerra e novas identidades emergem sob formas dinâmicas e situacionais, mantive o uso do termo LGBTI+ na maior parte do trabalho por ser possivelmente o que vem se consolidando mais recentemente, mas acentuo a precariedade e impossibilidade de fechamento que marca qualquer um desses acrônimos.

medidas preventivas da COVID-19, as entrevistas foram realizadas de forma remota, através de chamadas de vídeo pela internet, e assim gravadas e transcritas. Tendo em vista esse contexto, acionei alguns contatos entre estudantes da universidade, e ao término de cada entrevista perguntei se conheciam outras pessoas que poderiam participar da pesquisa, chegando então a esses/as interlocutores/as. Buscou-se ainda pluralizar o alcance das entrevistas, e assim as narrativas a seguir são de pessoas vinculadas a distintos cursos e áreas do conhecimento na universidade, e em diferentes momentos de suas trajetórias, abarcando desde estudantes que estavam há um ano na UFPE até aquelas com diversas passagens em cursos diferentes na instituição, entre os anos de 2003 e 2020. Levando em conta que algumas das questões abordadas nas entrevistas eram sensíveis para os/as interlocutores/as, optei pelo uso de pseudônimos, escolhidos pelas próprias pessoas. Optei ainda por ocultar os cursos aos quais eles e elas eram vinculados/as, visto que poderia viabilizar a identificação, especialmente entre as pessoas trans e travestis, que quase sempre eram as primeiras ou únicas pessoas trans e travestis matriculadas em seus cursos.

### Se deslocando do interior: espaços, trânsitos e recomeços

Gabriela, 22 anos, *mulher trans*<sup>3</sup> e estudante da área de Linguística, Letras e Artes, é natural de Vitória de Santo Antão, Zona da Mata Pernambucana. Ela contou sobre como a mudança de sua cidade natal para a capital, para estudar na UFPE, foi decisiva em sua trajetória de vida, de tal forma que expressa que a vida dela só começou quando saiu do *interior*. Naquele espaço, na leitura que ela faz hoje, não havia possibilidade de ela expressar-se enquanto uma pessoa trans e, dessa maneira, a saída “precisava acontecer”.

E quando eu falo que eu sou do interior as pessoas pensam que eu tinha uma vida lá, e eu sempre brinco que a minha vida começou quando eu vim para cá para Recife, porque antes era uma... eu era uma pessoa muito privada de tudo, inclusive de se mostrar possível ser inteligente, acessar conhecimento. Inclusive havia muita dúvida sobre o curso que eu ia fazer porque ninguém acreditava que eu ia passar para uma universidade pública né. Eu sou a primeira da família a fazer isso (Gabriela)

<sup>3</sup> Mantive, e grifei em itálico, as categorias identitárias utilizadas pelas próprias pessoas em suas caracterizações.

Na narrativa de Gabriela, sair do *interior* onde cresceu significou o início de uma vida, porque lá ela não enxergava a possibilidade de viver a vida dela enquanto uma *mulher trans*, questão que estava intimamente ligada a relações de controle e repressão que experimentou no âmbito da família de origem. Essa percepção da cidade no *interior* como limitadora foi sendo aprofundada já no início do curso na UFPE. Ela conta:

Eu me lembro que quando eu entrei na UFPE, eu ainda, no primeiro ano de universidade, eu ainda me deslocava do interior pra Recife, por ônibus. Então eu chegava bem cedo na universidade. E isso já foi um empecilho dentro da minha formação porque me autoafirmar enquanto uma pessoa trans ali dentro do curso de [área de Linguística, Letras e Artes], as pessoas não me levavam a sério, especialmente porque eu não estava externando aquilo. Mas era impossível externar aquilo, porque se eu externasse eu ia ser expulsa de casa. (...) Então, me lembro que esse primeiro empecilho foi ser levada a sério nesse quesito. E a partir do momento que eu passei a morar em Recife, que eu passei a frequentar a universidade e etc., eu sentia que as conquistas que eu fui adquirindo no curso foi, não só me provando por boas notas, mas me provando por bons resultados também (Gabriela).

A mobilização do medo e da repulsa nas relações familiares era um dos fatores mais centrais na trajetória dela em Vitória de Santo Antão. Se deslocar para estudar na UFPE em Recife passou a representar também a possibilidade de “ser levada a sério enquanto uma pessoa trans”, uma vez que ela poderia “externar” a sua identidade de gênero. Isso porque, o que aparece como uma obviedade na narrativa dela, se identificar como uma pessoa trans e não expressar abria a possibilidade de ela não ser reconhecida como tal. Desse modo, narrativamente Gabriela estabelece uma distinção entre a cidade no *interior* como repressiva e a vinda para a *capital* para estudar na UFPE como libertadora.

Assim como Gabriela, Thauan (25 anos, *homem trans*), estudante da área de Ciências da Saúde, também situa uma distinção entre a cidade no *interior* em que nasceu e a vinda para Recife. Natural de Caruaru, no Agreste de Pernambuco, Thauan contou que se deslocar para estudar em Recife também representou uma “libertação”.

A universidade meio que me deu esse espaço de liberdade. Não que não fosse lá onde eu estudava, sabe. Era um lugar que eu me sentia muito confortável de verdade. (...) Para mim, na verdade, era um rolê sobre a vivência mesmo, sabe. Caruaru carrega muitas coisas pesadas. É um lugar onde eu passei por muitas coisas, inclusive pelo processo de expulsão de casa. Então para mim não ia dar para continuar em um

lugar que eu cresci. (...) Eu comecei a minha transição totalmente sozinho. (...) Eu digo que eu nesse quesito assim, esse acesso me deu esse privilégio de entender que, por exemplo, em Recife eu ia ter acesso a esse tratamento, essa terapia hormonal de uma maneira muito mais fácil do que se eu morasse em Caruaru. Os meninos de Caruaru têm que pegar horas de ônibus porque o ônibus sai de madrugada e passa o dia em Recife. E aqui no dia que eu sentir um ‘ai’ e quiser marcar uma consulta eu posso ir lá e marcar. Eu vim para poder possibilitar isso (Thauan).

Como se percebe, para Thauan, permanecer no *interior* representava uma barreira para que o reconhecimento enquanto homem acontecesse. Nesse aspecto, a narrativa dele se encontra com a de Gabriela. O “peso” das coisas que Caruaru carrega, de um conservadorismo de gênero e sexualidade, que ele conta, é o que embarreirava essa afirmação. Logo, “transicionar” em Recife e não em Caruaru tinha a ver também com a cidade. Em Recife, a possibilidade de acessar a serviços de saúde e começar uma terapia hormonal era bem mais viável. Afinal, em Caruaru, os meninos trans “têm que pegar horas de ônibus, porque o ônibus sai de madrugada e passa o dia em Recife”. Na trajetória dele, se deslocar para o *campus* Recife da UFPE era não apenas a possibilidade de continuar o curso em uma universidade pública, mas, também, a de ter um lugar para morar, sendo quem ele já vinha se identificando, o que ele conta que foi ainda mais importante. Sair de Caruaru e vir para Recife significava a possibilidade, especialmente, de “ter um canto por pelo menos uns 4 anos, ou o tempo que eu terminasse a graduação”. Isso era bem mais urgente do que concluir a graduação que havia iniciado em uma universidade privada em Caruaru, já que ele vivenciava conflitos difíceis no espaço familiar. De tal forma que, ele completa, “eu estou terminando a graduação porque eu comecei, na realidade, e pra manter essa coisa de que eu preciso continuar até conseguir chegar lá, mas que, na real... por exemplo, hoje a minha área de trabalho não tem nada a ver com a minha graduação”.

Tal como Gabriela, Thauan, inconformado com as relações familiares, encontrou na aprovação no vestibular para o *campus* Recife da UFPE a oportunidade de sair da cidade e do contato com essa dimensão mais repressiva da família de origem. Essa migração foi o que possibilitou uma expressão de gênero de acordo com o que ele deseja, longe dos controles familiares e da moral conservadora que constituem o espaço do interior no contexto em que ele viveu. No *interior* é mais difícil expressar essas identidades transgênero, afirmam ambos. Assim como na narrativa de Gabriela, a saída de Thauan de sua cidade no interior para a capital também significava a viabilização da



transição de gênero. Vir para Recife foi para Thauan e Gabriela um recomeço, e isso é enfaticamente marcado em ambas as narrativas. Para ambos, essa mudança estava diretamente ligada à busca de autonomia e de liberdade. Dessa forma, o espaço da universidade na capital é significado como espaço de liberdade para experimentações e expressões de gênero e de sexualidade, enquanto o interior seria o contrário, lugar de divisões de gênero mais acentuadas e de formas de um controle conservador das performances de gênero e de sexualidade mais rígido.

Cleópatra, 35 anos, *mulher trans*, estudante da área de Ciências Humanas, também tem em sua trajetória esse trânsito entre a cidade em que nasceu e se criou, no interior do estado e a UFPE. Ela conta com diferentes passagens pela UFPE. Ingressou em 2003 em um curso na área de Linguística, Letras e Artes, mas trancou a matrícula em 2004. Então, retornou em 2006, em um curso no campo das Ciências Sociais Aplicadas, que concluiu em 2009 e, em 2017, em curso no mesmo campo, que trancou na metade do semestre para iniciar um curso de Mestrado na área de Ciências Humanas, concluído em 2019. Cleópatra, que é a primeira de sua família a chegar na UFPE, é natural da cidade de Carpina, na zona da Mata de Pernambuco, e o trânsito entre esses espaços aparece narrativamente como algo relevante na tessitura de suas experiências.

Embora, também, perceba a cidade de origem como mais conservadora em relações de gênero e sexualidade, Cleópatra relatou numa perspectiva diferente. Enquanto nas trajetórias de Thauan e Gabriela, se deslocar do interior para morar na capital envolvia a abertura de outras possibilidades de construção de uma vida mais “vivível”, para usar uma gramática proposta por Butler (2018), ao estudar em um *campus* da Universidade de Pernambuco (UPE) no *interior*, Cleópatra percebeu que as pessoas que saíam da Região Metropolitana do Recife e se deslocavam para esse *campus* em Nazaré da Mata experimentavam um tipo de “liberdade sexual e de comportamento”.

Eu percebi que havia uma liberdade maior, porque na época a gente tinha universidade em Nazaré em que a maioria era de Recife e estudava lá. (...) E aí eu via que as pessoas de Recife e Região Metropolitana, por entenderem que estavam no interior, poderiam fazer o que queriam. Então, havia uma linha de liberdade sexual, de liberdade de comportamento muito maior porque as pessoas sabiam que não eram ali daquela região. E aquilo me assustava muito porque eu vinha de uma escola católica onde essa liberdade não existia, era muito regulado o tempo todo. E aí eu comecei a ver um mundo que não era o mundo que eu estava habituada até então (Cleópatra).

Tal percepção nos conduz a reconhecer que não se trata de uma oposição fixa entre capital/interior que se traduziria necessariamente em liberdade/opressão. O que se nota é que não há uma fixação cristalizada entre o *interior* como sendo sempre marcado por uma inviabilização das expressões da sexualidade e dos gêneros fora do estreito marco cisheteronormativo e a capital como o lugar da liberdade, acolhimento e diversidade para todo o sempre. Trata-se bem mais de um jogo transitório e contingente, também ambíguo e contraditório, em que os espaços são construídos através das experiências históricas em que relações e sujeitos e constituem reciprocamente. Essa construção dos espaços envolve um emaranhado de relações, que narrativamente entre Wanda, Gabriela, Thauan e Cleópatra, se sobressai a dimensão da família de origem. Cleópatra, que sai do *interior* para estudar na capital e percebe que naquele espaço em que ela nasceu e se criou havia um conservadorismo mais forte, também percebe que essa mesma região figurava para outras pessoas como possibilidade de liberdade. Além do deslocamento, existem aí percepções que entrelaçam convenções territoriais, relações familiares acionadoras de conservadorismos morais, gênero e sexualidade.

Essa diferenciação entre o *interior* e a capital, que aparece aqui com a saída da cidade de origem para estudar no *campus* Recife da UFPE, é bastante recorrente nas narrativas de estudantes da UFPE. Além do *campus* e demais instalações na capital pernambucana, a universidade conta com dois outros *campi* no interior do estado, um na cidade de Vitória de Santo Antão, na zona da mata, e outro em Caruaru, no agreste. Dessa maneira, estudantes de várias regiões se deslocam de suas cidades natais para estudar em um dos *campi* da UFPE.

Isso reverbera também em outros estudos, como o analisado por Facchini (2008), em sua pesquisa sobre mulheres que se relacionam com mulheres em São Paulo. Para uma de suas interlocutoras, a entrada em uma universidade pública e a mudança para a cidade universitária em um centro urbano viabilizou uma diminuição dos conflitos com o pai e o conhecimento de outras mulheres que se relacionavam com mulheres. Em um estudo sobre as vivências universitárias de estudantes lésbicas, gays e bissexuais da Universidade de São Paulo, considerando as unidades sediadas na cidade de São Paulo, Cardoso (2019) também lida com uma oposição entre centros urbanos, percebidos como mais receptivos à diversidade sexual e de gênero, e interior que seriam mais conservadores. Essa distinção sinaliza tanto para as convenções sociais que são acionados nos e sobre os espaços, quanto para a importância dos espaços na construção das experiências sociais – entre elas, as de gênero e sexualidade, envolvendo diferentes



formas de negociação de visibilidades, enquadramentos e possibilidades de trocas afetivas e sexuais.

Como Doreen Massey sustenta, “o espaço é um produto de inter-relações”, “é a esfera na qual distintas trajetórias coexistem” e “está sempre num processo de devir, está sempre sendo feito – nunca está finalizado, nunca se encontra fechado” (2004, p. 8). Nessa perspectiva, o espaço é entendido como sendo sempre constituído nos entremeios de diferentes relações de poder que os sujeitos colocam em cena. E não apenas os espaços são engendrados nessas dinâmicas, mas as relações sociais e os sujeitos são também constituídos através dos espaços. Partindo dessa percepção, as narrativas sobre o deslocamento entre o interior e a capital pernambucana, para estudar na UFPE, são expressivas dessas tramas nas quais espaços, relações e sujeitos se coproduzem nos entrecruzamentos entre relações de gênero e sexualidade. Penso território, portanto, nessa acepção de Massey acerca dos espaços.

Os trabalhos de Isadora Lins França (2013) e Roberto Efreim Filho (2017) argumentaram acerca de como territórios, relações sociais e sujeitos se correalizam nas articulações entre diferentes diferenças. França (2013), por exemplo, investigou como se produzem “sentidos de lugar” sobre Recife e São Paulo, a partir de uma pesquisa etnográfica com homens que se relacionam afetivo-sexualmente com outros homens nessas cidades e que transitam entre elas, compreendendo as articulações entre convenções de gênero e sexualidade, noções de brasilidade e regionalidade, racialização e classe social. Se deslocando entre as cidades, frequentando espaços de lazer e de trocas afetivas e sexuais e habitando as periferias urbanas, *gays* ou *frangos* e *boys* ou *cafuçus* – categorias êmicas com que a autora se defrontou – constituem formas de territorialização. Ou seja, ao produzirem sentidos de lugar sobre esses territórios, na medida em que experimentam diferentes relações e práticas, eles expressam formas pelas quais os territórios são produzidos. Destaca-se ainda, nesse trabalho, que as aproximações e diferenças regionais e de classe social são costuradas também por uma linguagem de gênero e sexualidade. Ocorre que, diferenças, subjetividades e espaços se realizam mutuamente nessas experiências.

Efreim Filho (2017), por sua vez, analisou, a partir de experiências narradas por duas travestis, como as disputas pelos espaços na noite de João Pessoa, alguns deles entendidos como “de prostituição”, compõe formas de territorialização. Nessas disputas, travestis, mulheres cisgêneros prostitutas e policiais estariam entre os sujeitos que, entre

encontros, conflitos, expulsões, cenas de violência, constituem modos de “sexualização do território e territorialização da sexualidade” (p. 103). Mais do que um pano de fundo para essas relações, os lugares, esquinas, ruas, eram parte inseparável das tensões e dos processos que delas decorrem. As prostitutas daquela região queriam Antônia, uma das interlocutoras de Efrem Filho, fora daquelas esquinas. Naquelas teias narrativas, inclusive, a ausência de um espaço específicos para a “prostituição de travestis” era um dos elementos centrais para que Antônia não identificasse suas práticas sexuais no mercado sexual da região, enquanto prostituição. Faltava um espaço que, naquele cenário, operaria como produtor de formas de identificação enquanto “travesti que se prostitui”. Assim, tanto os territórios são sexualizados, quanto as sexualidades são territorializadas.

A conceituação de Massey (2004) e as contribuições de França (2013) e Efrem Filho (2017), me parecem ajudar a problematizar as relações de meus/minhas interlocutores/as com e nos espaços. Mais do que uma simples descrição de como se relacionam com e nos espaços do interior e da universidade, essas experiências narradas evidenciam as dinâmicas de produção desses territórios. Falam, portanto, de territorializações. Assim como França (2013) notou que as falas de seus interlocutores sobre a cidade do Recife assumem um efeito performativo, isto é, são partes do processo de construção de uma narrativa sobre os espaços da cidade, envolvendo uma pluralidade de discursos de gênero, sexualidade, classe e racialização, entendo que as narrativas que me defrontei aqui materializam certos significados sobre a universidade e sobre o interior nos entremeios dessas relações de poder. Elas exibem as disputas discursivas pelas quais esses espaços são, contingentemente, produzidos. Nesses termos, não se trata de uma simples descrição dos territórios, mas sim de um efeito performativo que esses enunciados exercem. Também não significa dizer que ao pronunciarem um determinado significado para a universidade, assim ela simplesmente passará a ser. É ao colocarem em movimento convenções sobre os territórios, que se perfazem entre convenções de gênero e sexualidade e acionando diferentes sentidos – que são reiterados por um conjunto de atos performativos – que se dão modos de materializá-los.

Esse ambiente de *liberdade*, relatado sobre a universidade, é construído nas tramas das experiências de gênero e sexualidade dos próprios sujeitos que transitam e vivenciam esse espaço. Assim como a universidade aparece como espaço que viabiliza uma transição de gênero por ser mais livre ou mais seguro, para algumas dessas

peessoas, ingressar na universidade significou, além de tudo, a abertura de novas oportunidades de se relacionar afetivo-sexualmente, ou ainda a possibilidade de afirmar-se enquanto LGBTI+. A universidade como espaço de *liberdade*, é espaço em que o desejo sexual poderia fluir mais livremente, o que envolve a erotização de alguns espaços, que são tomados como mais propícios, ou no mínimo menos repressivos, à experimentação sexual, especialmente para sexualidades consideradas não-normativas. Aqui, de modo análogo ao registrado por Efrem Filho (2017), a presença de um espaço reconhecido como mais livre à experimentação sexual, funciona para alguns como um dos elementos que oportuniza a construção de outras relações, práticas sociais, experiências e identificações.

Por sinal, a universidade é significada dessa maneira precisamente quando contrapõem com suas cidades de origem no interior do estado ou, em outros casos, com certos espaços fora da universidade. Como argumenta Laclau (2000), a diferença marca a construção de uma identidade. Nesse caso, a construção da identidade de um objeto ou espaço se dá em relação ao que ela não é, a algo exterior que opera uma diferenciação importante na definição do que se é. Essa relacionalidade marca tanto a constituição de toda identidade, quanto a sua contingência, visto que “se diferenciam de acordo com relações variáveis e mutáveis com o que lhes é exterior” (BUTLER, 2017, p. 131). Nessa perspectiva, essa relação entre a universidade e o fora dela é constitutiva do sentido de *liberdade* da universidade. Não que fora da universidade o que se vive seja sempre e em todo lugar, repressão. Isso a narrativa de Cleópatra sobre o interior já nos ensina. Também não significa que a universidade se constitua como espaço de *liberdade* plena. Mas, que o engendramento de uma identidade de *liberdade* da universidade é relacional. É negociada e disputada com o que é exterior a ela, o que também envolve a universalização de um sentido particular, entre outros tantos, acerca dos espaços em seu interior.

As narrativas de pessoas trans e travestis me foram fundamentais para perceber essa dimensão. Por entre as narrativas, a universidade aparece como espaço de liberdade, mas simultaneamente como “cisnormativa”, o que abrange também violências, muitas vezes sob formas mais sutis e sofisticadas, o que Iazzetti (2021) também registrou. Frequentemente, essa percepção é contraposta por uma busca por “referências trans”. Essa busca por “referências” impulsionava à construção de redes de apoio e trocas de experiências, conhecimentos, costumes, práticas e estilos, entre as

*meninas trans e travestis* na universidade, como destacado por quase todas as pessoas trans e travestis interlocutoras dessa pesquisa. Essas redes fazem da universidade um porto seguro, na medida em que recriam formas de existir e persistir em seu interior (LIMA, 2020; ROSA, 2022).

Dora (22 anos, *trans não-binária*), estudante da área de tecnologias digitais, comentou, por exemplo, que no mesmo período em que ela estava se descobrindo, conhecendo outras pessoas LGBTI+ na universidade, foi também quando surgiu um grupo nomeado “CIn Direita”, que representou para ela “repressão”. “Então, na mesma época que eu estava descobrindo quem eu era, tinha um grupo se levantando no centro em que eu estudava pra ser contra quem eu representava. Realmente foi um momento bem conflitante” (Dora). Nessa ambiguidade, Dora explicou que entrou na UFPE achando que não poderia ser quem é, depois descobriu que podia e, em seguida, descobriu que isso tinha seus riscos. Em resumo, para ela, a UFPE “é um ambiente livre, mas não é um ambiente totalmente seguro”.

Se não há um sentido unívoco, uniforme ou permanente sobre os territórios, é porque qualquer definição se faz situacionalmente sob conflitos e experiências. *Interior* e universidade são performances territoriais que se fazem nos meandros de relações e convenções de gênero e sexualidade, acionadas e atualizadas através de sentidos de regionalidade. Nesses termos, as experiências narradas por Wanda, Gabriela, Thauan e Cleópatra evidenciam modos de generificação e sexualização dos territórios, da universidade e do *interior*, assim como territorializações dos gêneros e sexualidades. Se essa liberdade narrada era a de ser quem se desejava ser em termos de gênero e sexualidade, isso acontecia em tramas relacionais com os territórios. Disso resulta que o território participava da constituição dessa liberdade de gênero e sexualidade. Em suma, o espaço de liberdade que a universidade representa para essas pessoas – o que, veremos mais à frente, possui nuances internas – não é um dado natural ou constante, mas sim um efeito, sempre mutável, das experiências e relações construídas pelos sujeitos que, em suas ações plurais, a vivenciam. Se noções de liberdade, convenções regionais, de gênero e sexualidade são acionadas na construção desses territórios, também estes compõem as tramas de tessitura daquelas, nas diferentes perspectivas de viver a universidade e as cidades do interior pernambucano.

### Se deslocando do *interior*: espaços, trânsitos e recomeços

Pensar a dimensão do espaço no engendramento das experiências e subjetividades tecidas na universidade, me colocou a observar uma questão importante que atravessava as narrativas das pessoas com quem conversei: o fato de que a universidade não é um espaço homogêneo, mas constituído por uma pluralidade de relações e sujeitos que fazem dela uma espécie de mosaico. Se vivenciamos a universidade de maneiras distintas em função de tantos aspectos e vetores de poder, como tenho buscado ressaltar nesse artigo, o que abre diferentes possibilidades de experiências e formas de constituição de si, isso se dá em relações com e nos espaços.

Bennie (37 anos, *gay*), estudante da área de Ciências Humanas, distingue a existência de espaços “mais normativos” dentro da universidade, assim como espaços “onde existia uma diversidade muito grande de pessoas e dos cursos, como o RU”, o que para ele significava um aumento da exposição a situações de discriminação sobre ele. O Restaurante Universitário (RU), é percebido como espaço de diversidade, haja vista que há um grande fluxo diário de estudantes de diferentes áreas do *campus*. Nesse espaço, havia uma possibilidade maior de ter que lidar com olhares, risos e comentários sobre suas performances de gênero “*afeminadas*”, assim como era onde ele mais precisava responder a essas situações, muitas vezes sendo mais “*debochado*”.

A presença de uma pluralidade de sujeitos, em termos de gênero e sexualidade, mas também de classe e racialização, em determinados espaços é o que narrativamente explica a maior sensação de liberdade. Ambigualmente, Bennie conta que no RU, espaço que é percebido como bastante plural, é também espaço em que ele se sentia bastante exposto, o que sugere que esse não é o único elemento na composição dessa relação com os espaços na universidade.

Para João (21 anos, *bissexual*), estudante da área de Ciências Exatas e da Terra, o Centro e o Departamento em que estuda são de pessoas mais “*reservadas*” e “*discretas*”, o que compõe “*um departamento meio cinza, um departamento monocromático*”. Assim, acionam narrativamente uma imagem da formalidade e seriedade, que seriam mais típicas de áreas como as das Ciências Exatas, como o que exclui a diversidade.

João explicou que o departamento em que estuda é isolado no *campus* Recife e conta com um número pequeno de estudantes, por isso “tem o seu próprio nicho de

alunos”. Por ter menos pessoas, ele seria por consequência menos *diverso*, o que também explicaria esse tom cinza do departamento, como ele analisa. “Quando você vai ali pro CAC, CFCH, CE e CCSA você já consegue ver um espectro muito maior de gente, de rostos né, de pensamentos políticos, de ideias, de tudo”.

Em um dos momentos da conversa com Wanda, 22 anos, *bissexual* e, assim como João, estudante da área de Ciências Exatas e da Terra, quando pedi que ele me contasse um pouco sobre sua trajetória na UFPE enquanto uma pessoa LGBT, ele descreveu da seguinte maneira:

Então, eu ponho o estar inserido na Universidade Federal, que é um ambiente extremamente plural, eu coloco como um marco muito importante pra meu processo de aceitação mais concreta. Dar de cara com o Centro de Informática... O primeiro impacto positivo pra minha aceitação foi chegar num centro que eu julguei extremamente hétero e que não tinha LGBT, e chegar no CIn e ter um bocado de frango<sup>4</sup>, de poc. E aí, como eu falei, estar inserido na UFPE foi extremamente importante para o meu processo de aceitação e de amor próprio como pessoa LGBT (Wanda).

Assim como Rose e João, mesmo sendo de cursos diferentes, Wanda também expressa uma percepção do Centro em que estudava, como da área das Ciências Exatas e da Terra, enquanto “*extremamente hétero e que não tinha LGBT*”. Essa expectativa que ele já carregava ao ingressar na UFPE foi impactada com um ambiente diferente, formado por “*um bocado de frango, de poc*”, o que foi importante em seu processo de autoaceitação enquanto LGBT.

Esses sentidos sobre os espaços na universidade que foram aparecendo ao longo das narrativas e que ressaltam as diferenças internas, foram se destacando como parte da maneira como eles e elas experienciam a vida universitária. Há espaços que são considerados mais plurais e, como Wanda explica, a UFPE como um todo seria “*extremamente plural*”, e outros que são mais normativos. Essa pluralidade teria, então, ao menos dois sentidos. Um sentido relacionado a pluralidade de sujeitos, e no contexto dessas narrativas se referem especialmente às diferenças em termos de gênero e sexualidade, e que comumente se relaciona a população LGBT. Esse seria um ponto de grande relevância para muitas das pessoas com quem conversei no contexto dessa pesquisa, sobretudo na composição de redes de relações. Outro sentido é espacial, se refere a uma heterogeneidade entre os espaços na UFPE, o que faz com que qualquer

<sup>4</sup> Categoria êmica comum no contexto cultural pernambucano, que pode ou não assumir um tom pejorativo e que se refere homens gays/homossexuais.



generalização de sentido sobre o espaço da universidade seja bem mais a ampliação de um conjunto de características particulares que são vivenciadas de formas distintas entre os sujeitos.

Bennie, João e Wanda são estudantes do *campus* Recife da UFPE. Localizado na zona oeste da cidade do Recife, no bairro da Cidade Universitária, o *campus* Recife abriga 85 cursos de graduação, distribuídos em dez centros: Centro de Artes e Comunicação (CAC), Centro de Biociências (CB), Centro de Ciências Exatas e da Natureza (CCEN), Centro de Ciências da Saúde (CCS), Centro de Ciências Médicas (CCM), Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA), Centro de Educação (CE), Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH), Centro de Informática (CIn) e o Centro de Tecnologia e Geociências (CTG). Embora o espaço do *campus* alcance todos os centros, eles se dispõem geograficamente, mais ou menos, em função das áreas do conhecimento. Isto é, de um lado do campus, encontram-se os centros de Biociências, de Ciências da Saúde e de Ciências Médicas; de outro, os centros de Ciências Sociais Aplicadas, de Educação, de Filosofia e Ciências Humanas e de Artes e Comunicação; e, por fim, os centros de Ciências Exatas e da Natureza, de Informática e de Tecnologia e Geociências que também ficam mais próximos uns dos outros.

No caso da UFPE, espaços como a região entre os Centros de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH), de Educação (CE), de Artes e Comunicação (CAC) e de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) são vistos como mais acolhedores à diversidade sexual e de gênero. São regiões relatadas como menos normativas em relação aos demais espaços da universidade. Na mesma direção, embora que com algumas diferenças, estão as regiões que compreendem os Centros de Biociências (CB) e de Ciências da Saúde (CCS). Em oposição, estão as regiões com os Centros das Ciências Exatas e da Natureza (CCEN), Tecnologia e Geociências (CTG) e de Informática (CIn), que seriam mais “elitistas, brancos, héteros e masculinos”, como contou Rose (35 anos, *lésbica*), estudante da área de tecnologias digitais. O que se percebe, no entanto, é que essa diferenciação não é rígida e invariável, mas envolve outros elementos que desfazem a oposição em certos momentos, ou que no mínimo a complexifica.

Iuri Cardoso (2019) lidou com relatos semelhantes. Entre as narrativas de estudantes *lésbicas*, *gays* e *bissexuais* da Universidade de São Paulo (USP), Cardoso também percebeu uma distribuição espacial da sensação de acolhimento e liberdade para pessoas LGBT entre os institutos e faculdades de diferentes áreas do

conhecimento. Entre seus interlocutores, era consenso que essa diferença entre os espaços estaria relacionada aos “*perfis*” de cada área. Espaços com uma maioria de homens, brancos, heterossexuais e de classe média, eram vistos como menos receptivos para a pluralidade sexual e de gênero. Apesar disso, quase todas as pessoas afirmavam que se sentiam confortáveis e seguras em suas unidades na universidade, o que relacionavam a um sentimento de familiaridade com o lugar e com as pessoas.

Wanda fala especificamente sobre como vê o centro em que estuda, o Centro de Informática (CIn):

O CIn é um centro muito diverso, de modo geral, e as pessoas que estão sendo formadas ali são diversas. Tinha gente escrota, tinha o playboysinho branco dos privilégios, que acha que o que a gente reivindica é frescurinha... mas a gente costuma até a brincar que o CIn é como se fosse o CAC das Exatas, porque é um centro extremamente diverso e tolerável na medida do possível, mesmo sendo um centro extremamente elitista ainda (Wanda).

Para explicar o quanto o CIn é “*diverso*” e “*tolerável*”, Wanda o compara com o CAC, visto, quase sempre, como o centro que abriga a maior diversidade, o que relacionam às áreas do conhecimento que ele abriga – artes e comunicação – e ao público que o frequenta. Diversidade é vista como a característica mais marcante do CAC e certas convenções sociais sobre ser artista e trabalhar com comunicação são mobilizadas como elemento para justificá-la no. A oposição que Wanda faz, ao descrever o CIn, entre ser “*diverso*” e “*tolerável*” e ser “*elitista*” aludem a uma relação que aparece pontualmente em outras narrativas. Entre as narrativas de Rose, Wanda, João e Bennie havia uma percepção de que um espaço é menos acolhedor e menos seguro a outras expressões de gênero e sexualidade, quando têm no seu público muitos *homens, cisgêneros, brancos, heterossexuais e de classe média*. Uma sequência de identificações que nesse cenário assumem um tom quase acusatório.

Stephanie Lima (2020) nota que entre os processos de construção dos corpos e sujeitos políticos negros universitários, como nomeia, havia uma “oposição negativa aos sujeitos simbolicamente pertencentes aos espaços das universidades públicas, ou seja, brancos, masculinos, heterossexuais e de elite” (p. 51). Opor-se a esses sujeitos envolve modos de afirmação e atuação política e de construção de si. No contexto das narrativas aqui analisadas algo semelhante acontece. A oposição entre espaços mais diversos, toleráveis e acolhedores às diferenças se estabelece em relações com essa oposição a

presença majoritária desses sujeitos – *homens, cisgêneros, brancos, heterossexuais e de classe média*.

Essa diferenciação dos espaços na universidade não é algo exclusivo da UFPE. Analogamente, Elder Silva (2021) também registrou a percepção de que o Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), se dá como o espaço institucional da UFRB com a maior diversidade sexual e de gênero. Também é o espaço mais acolhedor a essa diversidade quando comparado a outras unidades da universidade. Nos relatos analisados por Joelcio Bissaco (2012), sobre a Universidade Federal de Viçosa (UFV), há também uma diferenciação dos espaços a partir de noções de gênero e sexualidade. Alguns espaços teriam um “ar muito hétero, (...) algo muito viril”, como o departamento das engenharias, o que gera uma sensação de intolerância à diversidade sexual e de gênero.

Essa diferenciação dos espaços da universidade em função das áreas do conhecimento responde ainda a um quadro hegemônico no qual áreas como as das ciências exatas e naturais, e das tecnologias, convivem com uma maioria formada por homens. Nesse quadro, as chamadas ciências duras, ou *hard sciences*, assumem um arquétipo masculino, enquanto as ciências humanas, da saúde e biológicas seriam mais “femininas”. De acordo com Londa Schiebinger (2001), essa masculinização das ciências *hard* se relaciona ao fato de que elas lidam com fenômenos inanimados, matemáticos, com alto grau de abstração e aptidão analítica, imparcialidade, além de jornadas longas de trabalho, logo, competências apreendidas como masculinas. Homens é que estariam aptos a lidar com essas características. Diferentemente, as ciências *soft*, que se referem ao campo das humanidades e das ciências da vida, lidariam com seres vivos, com questões humanas e cotidianas, práticas de cuidado e são mais impregnadas de subjetividades e emoções, o que as ligariam automaticamente a algo entendido como feminino. Esse arranjo se reflete na própria disposição das mulheres e homens entre os campos das ciências, como a autora analisa, o que acontece na própria universidade. Nota-se que a “dureza” e a “moleza” das ciências são constituídas por relações de gênero, assim como as colocam em movimento. Não que essas áreas sejam naturalmente masculinas ou femininas, é claro. Estudos feministas como os desenvolvidos por Donna Haraway (1995), Sandra Harding (1996) e Londa Schiebinger (2001) demonstraram os processos políticos de construção dessas representações da ciência e seus efeitos não apenas na produção de conhecimento, mas nas trajetórias de

vida de pesquisadores e pesquisadoras. Se destaca, assim, que essa geografia generificada da universidade não é casual, ou uma especificidade da UFPE, mas algo que se conecta e se perfaz com relações e conflitos de gênero mais amplos, constitutivos do próprio campo científico.

### Calouradas e os sentidos de liberdade

Contudo, ainda que com suas restrições, a universidade figura como espaço de liberdade e acolhimento às diferenças, fazendo dela um importante espaço de sociabilidade. Esse aspecto também ganha seus contornos nas narrativas de Wanda, Rose e João. Ainda que partilhassem dessa percepção de diferenças espaciais na universidade, que permite localizar regiões mais ou menos acolhedoras a diversidade sexual e de gênero, como no caso das que estudam, em que lidam com um “*perfil mais sóbrios*”, de “*pessoas mais contidas*” (Rose), “*reservadas e discretas*” (João), isso não reverbera como repressão em suas trajetórias. Pelo contrário, ao comentarem sobre suas relações com os espaços em que estudam, falam de sentimentos de familiaridade, tolerância, liberdade e pertencimento, com os espaços e com as pessoas. Ao que me parece, essa ambiguidade tem muito a ver com o modo como eles e elas agenciam sentidos e relações nas experiências em suas unidades de ensino. Como Cardoso analisa:

O tempo de vivência no local gera um conhecimento prático, de saber onde se está, quem está ao redor, por onde se pode sair e onde procurar ajuda. Esse conhecimento é adquirido exatamente na experiência concreta dos indivíduos: circulação e frequências nos espaços físicos, mas também no debate e construção de ideias, que permitem reconhecer e ressignificar a violência (CARDOSO, 2019, p. 86).

Essa espacialidade da universidade, cuja geografia envolve múltiplas e difusas relações de gênero e sexualidade, é também flexível no tempo, podendo um mesmo espaço mudar ao longo do dia em função de diferentes aspectos. Espaços que abrigam públicos de cursos diferentes ou em turnos distintos mudam no decorrer de horas, por exemplo, na medida em que a circulação dos sujeitos também muda.

Tais modificações podem, igualmente, ser sentidas no caso das *calouradas*<sup>5</sup>. Espaços que em outros momentos podem figurar como mais sérios, formais e até menos

<sup>5</sup> Festas de recepção dos/as recém ingressos/as na universidade, também conhecidos/as como *calouros/as*.

plurais, ou menos tolerantes à diversidade, podem mudar radicalmente, dando lugar a irreverência, a informalidade e a pluralidade.

Para Roberta (24 anos, *sapatão*), entrar na UFPE era “um grande sonho”, importando menos o curso e mais o fato de estudar nessa instituição. Em parte, isso tinha a ver com o prestígio que estudar na Universidade Federal de Pernambuco envolve, mas havia também outro elemento. Antes mesmo de ingressar na UFPE, Roberta já tinha ido a algumas *calouradas* na universidade, e conta que, por esse contato, ela “sempre via [a UFPE] como *um ambiente de muita liberdade*”, outra razão do porquê que estudar na UFPE era um dos grandes sonhos.

Enquanto conversávamos sobre como foi ingressar na UFPE, Dora (22 anos, *trans não-binária*), que me explicava a “abertura de mundo” que aconteceu nesse processo, citou como exemplo as *calouradas*. Narrativamente, esse foi o melhor exemplo para o que ela estava me explicando sobre passagem da escola para a universidade, em que se sentiu muito mais livre. Analogamente, ao comentar sobre a importância da universidade em sua trajetória, Wanda destacou momentos como as *calouradas*, como espaços-tempos de experimentação.

Pronto. Calouradas. Você ter a permissão de você ir vestida como queria pra uma festa onde tinha vários universitários, com várias realidades... tipo, foi a primeira vez que eu fui pra uma festa assim e podia me expressar, podia dançar do jeito que eu queria, podia me vestir do jeito que queria, podia conversar do jeito que eu queria, chegar lá e dizer assim ‘sou eu’ (Dora).

Sim, algumas vivências como pessoa LGBT, seja de tipo usar um shortinho, de andar bichinha mesmo, de usar maquiagem, de usar batom, de tá com os frango batendo cabelo foram, as primeiras, foram nas *calouradas* da UFPE, foram nos rolezinhos pós-aula dentro da UF, ou no entorno. Então, o espírito de comunidade LGBT eu entendo que eu conheci mesmo dentro da UF, sabe (Wanda).

Esse é um ponto que aparece em diferentes estudos sobre universidade (BISSACO, 2009; LISBOA, 2017). Isto é, se a universidade é significada como espaço de liberdade, o que parece compor um imaginário social sobre essas instituições e que reverbera em embates em diferentes âmbitos, as *calouradas* constituiriam uma das expressões máximas dessa liberdade, porque nelas seria possível e interessante afirmar quem se é, vestir-se, dançar e conversar como quiser, ou “andar bichinha mesmo”, “usar maquiagem” e estar “com os frango batendo cabelo”. As *calouradas*, assim como os “rolezinhos pós-aulas”, que acontecem, em geral, em bares nos arredores do *campus*

Recife, também oportunizaram encontros e experiências afetivas e sexuais. Wanda contou que “tava bem putinha no início da graduação”, e que “nunca tinha ficado nem com duas pessoas na mesma semana, quanto mais ficar com tantas pessoas, mas foi maravilhoso”, o que foi viabilizado por esses momentos. São espaços-tempos de uma ousadia que possibilita experimentações de grande relevância, sobretudo para quem saiu de contextos em que se sentiam mais reprimidos para um de *liberdade*, como é o caso de Dora e Wanda. Em conjunto, essas experiências foram um “batismo”, como Wanda comentou. Elas permitem a introdução em um circuito de relações, afetos e significados que constituem formas de viver o gênero e a sexualidade, tanto quanto formas de identificação. Experiências que formam não apenas sujeitos, mas espaços-tempos, na confluência de trocas libidinais e da irreverência.

Seguindo na perspectiva sustentada por Massey (2004), para quem o espaço está sempre sendo feito nos entremeio das diferentes relações de poder que são vivenciadas neles e com eles, e as valiosas contribuições de França (2013) e Efrem Filho (2017), convém destacar aqui o processo recíproco no qual se perfazem espaço, relações e sujeitos. Tal como, as experiências de gênero e sexualidade constituem o espaço da universidade, podemos dizer ainda que a própria arquitetura da universidade se constitui como um dispositivo de poder que, entre tantos outros, também generifica e sexualiza corpos. Afirmo isso realçando o argumento de que o espaço não é um simples pano de fundo estanque, onde as relações de poder se constituem de modo alheio a ele, mas algo que está implicado nessas relações, não só sendo (trans)formado por elas, como as constituindo. Sendo as *calouradas* – algo que na maioria das vezes se passa dentro do *campus* ou nos limites de suas fronteiras variáveis – uma espécie de expressão mais notável do que, em diferentes ocasiões, se passa nos espaços que compõem a universidade, o que inclui diferentes práticas sexuais, é possível afirmarmos que ela produz efeitos complexos nessas trocas libidinais e nos modos como os sujeitos se constituem nessas relações.

No entanto, essas representações das *calouradas* como espaços-tempos de *liberdade* também envolvem ambiguidades e contradições. Uma das interlocutoras de Carolina Lisboa (2017), por exemplo, se refere as festas universitárias como “ambiente livre de opressões” ou “minimamente seguros”. Ambiguamente, no contexto daquela universidade, foi importante construir um grupo estudantil para o enfrentamento de situações de violências contra mulheres e estudantes LGBTI em festas universitárias, o grupo Hella. Entre os relatos analisados por Lisboa (2017) se destaca um cuidado



narrado por uma das interlocutoras, que compõe um dos grupos estudantis feministas na universidade, nas escolhas das músicas cantadas nas festas, para não cantar “músicas que ofendam qualquer tipo de minoria”, o que constitui um cenário de disputas que se abre nessas festas em torno de questões como violência e reconhecimento. Dessa maneira, os sentidos de *liberdade* atribuído à universidade de maneira geral, e às *calouradas* mais especificamente, envolvem ambiguidades e conflitos.

Esse aspecto se sobressaiu, principalmente, entre as narrativas de pessoas trans e travestis interlocutoras desse estudo. Entre elas e eles, a universidade aparece como espaço de liberdade, tanto por envolver um sentimento de maior segurança, quanto em relação a outros ambientes externos – a rua figura como espaço em que a violência se mostra bem mais possível –, mas simultaneamente como lugar de violências que podem ser explícitas ou sutis. É algo que se destacou mais nas narrativas de pessoas trans e travestis, mas também aparecem nas narrativas de pessoas cisgênero. Violências que se manifestam não apenas em relações de gênero e sexualidade, mas também operadas por outros eixos de relações de poder. Daí que essa compleição relacional entre a universidade e o exterior dela dá-se numa relação entre liberdade e risco, em que embora essa instituição seja identificada como de mais liberdade e segurança, o risco da violência e repressão se mantém, ainda que minimizado. Desse modo, enquadrar aqui um sentido de liberdade como intrínseco ao funcionamento dos espaços-tempos que compõem a universidade, seria não apenas romantizá-los, mas perder de vista a multiplicidade, o diferimento, as disputas e a imprevisibilidade que o campo da experiência pressupõe.

### Considerações finais

Espaços compõem experiências e constroem possibilidades de vivenciar a universidade. Isso se dá sob variados modos de mobilizar fantasias, incluindo sexuais. O sentido de liberdade que reverbera entre as narrativas e que opera produzindo identificações se faz articulando uma dimensão fantasmática. Como diferentes trabalhos vieram ressaltando, a noção lacaniana de fantasia “busca nomear as narrativas imaginárias articuladas pelos sujeitos para encobrir ou *suturar* os limites e contradições – a falta ou *cisão* radical – que impedem a realização plena de uma identidade e desafiam a possibilidade de completude da própria realidade” (OLIVEIRA; OLIVEIRA,

2018, p. 77, grifos dos autores). O que narrativamente sutura, então, as contradições e ambiguidades entre os sentidos e experiências na universidade é essa noção de liberdade, que opera como um discurso fantasmático. Ela fala de uma plenitude que é ao mesmo tempo presente e por vir, e a depender do contexto em que é mobilizada uma dessas marcações temporais se sobressai. Encobrendo a contingência radical das relações sociais (GLYNOS; HOWARTH, 2007), narrativas como essa produzem vínculos, práticas, sujeitos e espaços.

Gostaria de argumentar, por fim, que gênero e sexualidade constituem a espacialidade da universidade. Não são o que se dá em uma universidade já pronta, que somente abrigaria essas e outras relações. Mas, compõem as disputas pela sua significação, que é parte da própria materialização da universidade, junto a relações e conflitos de classe e processos de racialização, para citar as mais evidentes. Ao mesmo tempo, sentidos e relações de gênero e sexualidade são também produzidas nos interstícios das experiências nesses espaços, com suas múltiplas tramas de sentidos, práticas e efeitos performativos.

## Referências

AGUIÃO, Silvia. **Fazer-se no “Estado”:** uma etnografia sobre o processo de constituição dos “LGBT” como sujeitos de direitos no Brasil contemporâneo. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

BISSACO, Joelcio Zoboli. **Do contexto familiar ao universitário: o campo de possibilidades para a construção de territórios e identidades homossexuais.** Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Viçosa, Viçosa (MG), 2012.

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo:** a ascensão da política antidemocrática no ocidente. São Paulo: Politeia, 2019.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra:** quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

\_\_\_\_\_. **Caminhos divergentes:** judaicidade e crítica do sionismo. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.

CARDOSO, Iuri. **O mundo e um outro mundo: Reprodução cultural e produção da diferença em vivências universitárias de estudantes lésbicas, gays e bissexuais da USP.** Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

CARRARA, Sérgio. **Moralidades, racionalidades e políticas sexuais no Brasil contemporâneo.** *Mana*, 21, v. 2, p. 323-345, 2015.

EFREM FILHO, Roberto. **Mata-mata: reciprocidade constitutivas entre classe, sexualidade e território**. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

FACCHINI, Regina. De homossexuais a LGBTQIAP+: sujeitos políticos, saberes, mudanças e enquadramentos. In: FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins. **Direitos em disputas: LGBTI+, poder e diferença no Brasil contemporâneo**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020, p. 31-70.

\_\_\_\_\_. **Entre umas e outras: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo**. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

FRANÇA, Isadora Lins. “Frango com frango é coisa de paulista”: erotismo, deslocamentos e homossexualidade entre Recife e São Paulo. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 14, p. 13-39, ago., 2013.

GLYNOS, Jason; HOWARTH, David. **Logics of Critical Explanation in Social and Political Theory**. London/New York: Routledge, 2007.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, v. 5, p. 07-41, 1995.

HARDING, Sandra. **Ciência Y feminismos**. Tradução de Pablo Manzano, Madrid: Edições Morato, S.L., 1996.

IAZZETTI, Brume Dezembro. **Existe “universidade em pajubá?”: transições e interseccionalidades no acesso e permanência de pessoas trans**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021.

LACLAU, Ernesto. **Nuevas reflexiones sobre la revolución de nuestro tiempo**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2000.

LIMA, Stephanie Pereira. **“A gente não é só negro!”: interseccionalidade, experiência e afetos na ação política de negros universitários**. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020.

LISBOA, Carolina Langnor e Sousa. **Novos feminismos: perspectivas sobre o movimento estudantil feminista na Universidade Federal do Paraná**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

MASSEY, Doreen. Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. **Geographia**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF, nº 12, ano 6, p. 7-23, 2004.

OLIVEIRA, Ana Luíza Matos de; OLIVEIRA, Gustavo Gilson Sousa de. Políticas de gênero e sexualidade na educação brasileira: crise hegemônica e novos eixos de disputa. In: LOPES, Alice Casimiro; OLIVEIRA, Anna Luiza A. R.; OLIVEIRA, Gustavo Gilson Sousa de (Orgs). **Os gêneros da escola e o (im)possível silenciamento da diferença no currículo**. Recife: Ed. UFPE, 2018, p. 51-86.

ROSA, William Paulino. **“Aquilombar é o que dá força”**: redes de afeto, de fazer político e de produção de conhecimento em um coletivo negro de universitários de Medicina. Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2022.

SALLES, João Carlos. **Universidade pública e democracia**. São Paulo: Boitempo, 2020.

SANTOS, Júlio César de Oliveira. **“A universidade é pra caber quem?”**: democratização, cidadanização e subjetivação nas trajetórias de estudantes LGBTI+ na Educação Superior. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022.

SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru: EDUSC, 2001.

SILVA, Mariah Rafaela. Direito Universal ao Nome (Manifesto pela Vida II). **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 3, p. 208-219, 2021.

Recebido em julho de 2022.

Aprovado em setembro 2022.

Revista  
**Diversidade**  
e Educação